

# O riso e a filosofia: Porchat, Prado Jr., Kundera<sup>1</sup>

## *Laughter and Philosophy: Porchat, Prado Jr., Kundera*

**Palavras-chave:** riso; filosofia; Porchat; Prado Jr.; Kundera

**Keywords:** laughter; philosophy; Porchat; Prado Jr.; Kundera

**Monica Loyola Stival**

Professora de Filosofia da  
UFSCar / Pesquisadora CNPq.  
stivalmonica@gmail.com

**Resumo:** Este ensaio procura refletir sobre a filosofia a partir do riso. Para tanto, parte-se do debate entre Porchat e Prado Jr. a respeito do que é filosofia, somando a esse debate as palavras de Kundera a respeito dos dois risos. Com isso, vemos que os dois risos podem ser a chave para compreender que há no mundo, como mundo, duas filosofias – ou uma filosofia e uma linguagem outra?

**Abstract:** *This essay reflects on philosophy from laughter. To do so, we start from the debate between Porchat and Prado Jr. about what philosophy is, adding to this debate Kundera's words about the two laughs. With this, we see that the two laughs may be the key to understanding that there are in the world, as a world, two philosophies - or one philosophy and another language?*

\*\*\*

Foi o caso de Tales, quando observava os astros; porque olhava para o céu, caiu num poço. Contam que uma decidida e espirituosa rapariga da Trácia zombou dele, com dizer-lhe que ele procurava conhecer o que se passava no céu mas não via o que estava junto dos próprios pés. Essa pilhéria se aplica a todos os que vivem para a filosofia.

Teeteto, Platão

I

O riso marca a estranheza da filosofia face à perspectiva "comum" pelo menos desde a anedota insuperável da jovem trácia, do riso distanciado da espectadora que nota o filósofo distraído pelo céu, tropeçando na mais material condição, um buraco, um poço. É o riso – nesse sentido, nietzschiano – da seriedade da filosofia, distraída pelo olhar para fora do

<sup>1</sup> Este artigo reproduz uma conferência realizada na I Semana de Filosofia e Literatura UFSCar – "A prosa do mundo", realizada entre 26 e 29 de novembro de 2018, organizado por Natanailton de Santana Morador e Rodrygo Rocha Macedo. Agradeço a estes a oportunidade de elaborar a reflexão aqui proposta. Agradeço ainda aos pareceristas, que têm razão quando sugerem a possibilidade de um desenvolvimento maior do argumento apresentado. Ainda assim, optei por publicar esta versão incipiente, pois não sei se terei a felicidade de poder me dedicar a esta reflexão com o cuidado e a parcimônia que o tema e os autores-personagens merecem.

mundo, pelo olhar acima das coisas e do mundo comum, pela procura da verdade na dimensão extramundana. Essa *hybris* filosófica é identificada à metafísica, que na história da filosofia expressa uma vontade de verdade. Afinal, mostra Nietzsche, o conhecimento é uma invenção. Nietzsche não poupa a filosofia, por isso, de um longo e doloroso conhecimento de sua vontade de verdade, atada às paixões e impulsos que dão forma ao verdadeiro. Uma operação complexa dos instintos vincula a força do espírito à maldade que se volta contra aquele que conhece, sempre que escapa à luz a vontade do engano, a vontade de aparência. Porchat está, ao que parece, de acordo com Nietzsche quanto ao aspecto cômico da filosofia séria, platônica, metafísica, orientada pela verdade.

Porchat dá testemunho de sua angústia, ensaiando um *Prefácio a uma filosofia*<sup>2</sup>, uma filosofia outra, que seja *outra* face à soberba do intelectualismo, que se enraíza no que ele nomeia "vida comum", na doxa terrena do homem comum.

Tales observa os astros e, olhos no céu, acabou por cair num poço, provocando o riso de uma jovem trácia, que zombou de sua preocupação pelas coisas celestes, quando o que estava a seus pés lhe escapava. Os filósofos convertem Tales em pai da filosofia e, desde Platão, fizeram desse cômico incidente o símbolo da sublime altanaria do espírito filosófico, que se ergue acima das vicissitudes da vida e cuja profundidade escapa à compreensão do vulgo. (PORCHAT, 1975, p. 11)

Neste ponto, a posição de Porchat parece um momento na história da crítica à vontade de verdade; contudo, ele continua: "Mas cabe da mesma fábula uma outra interpretação. Cabe nela ver o prenúncio daquela trágica alienação que levou a filosofia ao esquecimento do Mundo. Passei a admirar a sabedoria da pequena trácia. Ela merece, ainda hoje, toda a minha simpatia" (Ibidem).

A simpatia de Porchat é literal, é a coincidência patética com esse ponto de vista, agora comum e mundano, face à filosofia como busca dogmática da verdade; é a posição de uma crítica irônica daquele cômico incidente que dá sentido à filosofia desde Platão. O dogmatismo é a *hybris* filosófica que despreza a doxa, e a filosofia do senso comum quer recuperar – como terapêutica – o sentido filosófico da dimensão mundana, recusada desde início pela filosofia. Antes, entretanto, do que reconhecer o valor do não-sentido que escapa ao racionalismo da filosofia, trata-se de inverter a fórmula, redirecionar o olhar para a dimensão verdadeira da vida. O sentido estaria assim em outro plano, no plano terreno. Do céu para a terra, porém, é ainda uma vontade de verdade que se traduz na forma de uma filosofia prefaciada por Porchat.

Esse deslocamento, incapaz de quebrar a lógica da vontade de verdade, é ironizado por Prado Jr.:

Em que consiste esta filosofia do senso comum, senão na afirmação da transparência da vida cotidiana, em sua oposição à obscuridade da filosofia? *Primum vivere, deinde philosophare*, rir da filosofia – tudo está claro e o riso exprime uma forma de apreensão imediata do aberrante, intuição e sinal de alarme, que serve para indicar a necessidade do trabalho retificador do terapeuta. (PRADO JR., 1985, p. 135)

É no modo dessa terapêutica que a distância de Porchat em relação a Nietzsche é recolocada, imensa, já que a filosofia do senso comum que aquele propõe "manifesta um inesperado platonismo" (Ibidem) ao deslocar a régua da verdade do céu da metafísica ao chão do mundo comum, procurando aqui, de todo modo, uma verdade. Esse riso não é o único, esse riso, "com efeito, parece ter a virtude de nos manter incólumes diante da tentação da *hybris* filosófica e é ele que garante a cumplicidade entre o autor do 'Prefácio' e a jovem trácia contemporânea de Tales" (Idem, p. 137). Essa cumplicidade, no entanto, é apenas do riso diante da seriedade do olhar altivo que perde o mundo, pois na filosofia do senso comum é a jovem trácia quem ri, mas é ainda Tales quem olha, pensa, agora baixando a cabeça.

## II

A desconstrução absoluta da pretensão platônica da filosofia, a dissolução da vontade de verdade como solo primeiro desse amor ao saber, precisa mais do que inverter os sinais, passando da filosofia racional à filosofia como visão comum do mundo. Olhar ao celeste ou olhar ao terreno – no fundo, o mesmo olhar. Trata-se do "eterno retorno do Mesmo" (Idem, p. 150) assegurado pela permanência indiscutível do horizonte de sentido, calcado de todo modo na "segurança moral" de uma verdade a conhecer. É essa segurança moral que prende Porchat na aporia entre dogmatismo e pirronismo: (epígrafe, Pascal) "Temos uma impotência de provar invencível a todo dogmatismo. Temos uma ideia de verdade invencível a todo pirronismo" (Idem, p. 144). Assim, Prado Jr. nota, com razão, que, em todo caso, considerando as coisas celestes ou o poço no chão, pensar é em ambos os casos conhecer. Vontade de verdade em sentido estrito.

Há, em Porchat, uma *escolha* pelo terreno em oposição ao celeste, há a ilusão de uma escolha diante de certa alternativa entre dimensões em que se pode ou em que se deve buscar a verdade. A aparente crítica à história da filosofia como vontade de verdade se revela então uma outra forma, pretensamente não-dogmática, de vontade de verdade. Não há espaço para a vontade de engano, para o não-sentido. "Numa palavra, essa escolha decide que *pensamento* é sinônimo de *conhecimento*" (Idem, p. 148) – essa é a equação fundadora do sentido. Assim, rir com a jovem trácia do olhar altivo de Tales pode ser uma maneira de rir da filosofia, um riso – um riso que procura de todo modo o sentido, a verdade, um riso divino. Divino, o riso dos anjos na terra, que dispensa mesmo voltar o olhar ao céu procurando o Criador. "Desde que haja clareza e ordem (na linguagem e no mundo) podemos mesmo dispensar o Criador" (Idem, p.150).

Na dissolução da equação que identifica pensamento e conhecimento, abre-se espaço ao pensamento do não-ser e, mais que isso, à compreensão divertida do não-sentido, da inexistência ou contingência da verdade. E então se revela à filosofia certa outra maneira de rir da filosofia – maneira que, se pode se dar "*através da filosofia*" (Ibidem), é contudo um riso original (que em si mesmo nega a ideia de origem), como riso diabólico que é indissociável do riso angélico.

Na distância entre pensamento e ser instala-se o não-sentido (coisa do diabo!). Instala-se o não-sentido como outro que só existe em relação ao primeiro, porque o riso da filosofia nesse segundo sentido, diabólico, só pode ser um riso que reconhece a equação parmenidiana como parcial e contingente, não como impossível ou dispensável; trata-se então da vontade de verdade como o avesso e o *complemento* da vontade de engano. Dois sentidos de riso que se complementam, que não são jamais exclusivos (por isso, aliás, a crítica ao racionalismo não é irracionalismo, como se houvesse uma voluntariosa vontade de destruição absoluta do mundo, pulsão de morte pura, negação pura e simples da vida e do sentido).

### III

Para compreender essa mútua dependência, leiamos Milan Kundera, no que ele diz "a propósito dos dois risos":

Conceber o diabo como partidário do Mal e o anjo como um combatente do Bem é aceitar a demagogia dos anjos. As coisas são, evidentemente, mais complicadas.

Os anjos são partidários, não do Bem, mas da criação divina. O diabo, ao contrário, é aquele que recusa ao mundo divino um sentido racional.

O domínio do mundo, como se sabe, é dividido entre anjos e demônios. Contudo, o bem do mundo não implica que os anjos levem vantagem sobre os demônios (como eu pensava quando era criança), e sim que o poder de uns e de outros seja mais ou menos equilibrado. Se existe no mundo muito sentido indiscutível (o poder dos anjos), o homem sucumbe sob o seu peso. Se o mundo perde todo o seu sentido (o reino dos demônios), também não se pode viver. (KUNDERA, 2008)

Não seria então certo instinto de vida, de autoconservação, o fundamento da vontade de verdade quando aliada à vontade de engano? Uma vontade ainda mais histórica, mundana e efetiva... certa vontade de sentido e de não-sentido, talvez? Para não sucumbir, nem tudo é sentido; para viver, algum sentido. Vemos assim o espaço aberto em que uma medida que favorece a vida opõe Bem e Mal na balança que é o mundo, constituindo por isso mesmo a própria balança.

Vejamos então, ainda com Kundera, como o riso marca a simultaneidade dessas duas direções, como avessos da mesma moeda.

As coisas, se privadas subitamente de seu suposto sentido, do lugar que lhes é destinado na ordem esperada das coisas (um marxista formado em Moscou acreditar em horóscopos), provocam em nós o riso. Em sua origem, o riso pertence portanto ao domínio do diabo. Existe alguma coisa de mau (as coisas de repente se revelam diferentes daquilo que pareciam ser), mas existe nele também uma parte de alívio salutar (as coisas são mais leves do que pareciam, elas nos deixam viver mais livremente, deixam de nos oprimir sob sua austera seriedade).

Quando ouviu pela primeira vez o riso do demônio, o anjo foi tomado de estupor. Isso se passou num festim, a sala estava cheia de gente e as pessoas foram dominadas umas após as outras pelo riso do diabo, que é horrivelmente contagiante. O anjo compreendeu claramente que esse riso era dirigido contra Deus e contra a dignidade de sua obra. Sabia que tinha de reagir rapidamente, de uma maneira ou de outra, mas sentia-se fraco e sem defesa. Não conseguindo inventar nada, imitou o adversário. Abrindo a boca, emitiu sons entrecortados, descontínuos, em intervalos acima de seu registro vocal (...), mas dando-lhe um sentido oposto: Se o riso do diabo

mostrava o absurdo das coisas, o do anjo, ao contrário, queria alegrar-se por tudo aqui embaixo ser bem ordenado, sabiamente concebido, bom e cheio de sentido. (KUNDERA, 2008)

Por que rir da filosofia? Ou como rir da filosofia? Rir da filosofia do mesmo modo como rimos da vida ordinária, já que a contradição da existência já não se traduz pela máscara da verdade, mas da verdade e do erro, juntos, combinados e compartilhados, dando sentido um ao outro. Trata-se desse espaço em que combatem os anjos e os demônios, oscilando entre os dois risos de Kundera.

Será por acaso que a relação íntima dessa diferença incomensurável entre sentido e não-sentido, bem e mal, anjos e demônios, verdade e doxa, seja exposta – se não com mais clareza, pelo menos com mais leveza – na literatura? Será apenas na literatura, que gera riso, que encontramos o não-sentido do mundo, e será que a filosofia não pode *por princípio* se desprender da seriedade de sua inclinação fundamental ao sentido? Nietzsche e Prado Jr. diriam que não, certamente – e não é por isso que mesclam de certo modo poesia, literatura e filosofia? Para aprender "a rir *através* da filosofia" parece necessário encontrar como filosofia aquilo mesmo que ela nega, desde sempre, seja metafísica ou terrestre: será possível mesmo subvertê-la "por dentro", através dela, ou já se está, para isso, em outra linguagem, em outro discurso? Parece preciso ser uma jovem trácia capaz de rir de um Tales que anda com os olhos voltados ao chão e mesmo assim cai no poço, pisa em falso e cai no buraco, esse inesperado vazio de solo seguro.

Voltemos a Kundera:

Assim, o anjo e o diabo se enfrentavam e, mostrando a boca aberta, emitiam mais ou menos os mesmos sons, mas cada um expressava, com seu ruído, coisas absolutamente opostas. E o diabo olhava o anjo rir, e ria cada vez mais, cada vez melhor e cada vez mais francamente, porque o anjo rindo era infinitamente cômico.

Um riso ridículo é um desastre. No entanto, os anjos ainda assim obtiveram um resultado. Eles nos enganaram com uma impostura semântica. Para designar sua imitação do riso e o riso original (o do diabo), existe apenas uma palavra. Hoje em dia nem nos damos conta de que a mesma manifestação exterior encobre duas atitudes interiores opostas. Existem dois risos e não temos uma palavra para distingui-los. (KUNDERA, 2008)

Ao que parece, existem duas filosofias, e não temos uma palavra para distingui-las; uma filosofia do celeste e do terreno, a mesma, angélica, e uma do não-sentido, do vazio do olhar, demoníaca – ou esta será necessariamente poesia, literatura? Os filósofos nos enganaram com uma impostura semântica, rindo ao alegrarem-se com o sentido, a verdade, ocultando o espanto original do não-sentido, o riso diante do engano – se isso puder efetivamente ser, afinal, filosofia...

## **BIBLIOGRAFIA**

Pereira, O. Prefácio a uma Filosofia. *Discurso*, São Paulo, v. 5, n. 6, 1975.

Prado Jr., B. Por que rir da filosofia?. In: *Alguns ensaios: filosofia, literatura, psicanálise*. São Paulo: Max Limonad, 1985.

Kundera, M. *O livro do riso e do esquecimento*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.